

Collective, Anon. 2021. *Book of Anonymity. Milky Way, Earth: punctum books.*

ANA LUÍSA AZEVEDO

Universidade NOVA de Lisboa,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ICNOVA
alfazevedo2@gmail.com

Book of Anonymity (Anon Collective 2021) vai além de uma coletânea de textos e obras visuais que abordam o anonimato: a proposta ressoa do projeto de investigação interdisciplinar *Reconfiguring Anonymity (RCA)*¹, implementado em 2014, com o intuito de repensar o conceito, reformular e ampliar metodologias de investigação sobre o tema num contexto em que o estado de anonimato se tende a tornar “simultaneamente impossível e amplificado”² (Bachmann *et al.* 2021, 18). O projeto de três anos envolveu um conjunto de artistas, ativistas e cientistas de diversas áreas do conhecimento — um coletivo autointitulado *ANON Collective* –, e culmina em 2021 com o lançamento desta publicação pela editora independente e de acesso aberto, *punctum*.

A ideia de anonimato ganha particular relevância a partir da revolução industrial, com a reorganização do espaço urbano e dos modos de produção, o surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação. Este contexto de transformação social, económica, cultural e tecnológica impactou, simultaneamente, um fenómeno de massificação e homogeneização cultural e um, aparentemente inverso, movimento de atomização social alimentado por perspectivas muito particulares e parciais sobre o que são a liberdade individual e a identidade pessoal. Todavia, o tema do anonimato tem surgido dentro da investigação académica de uma forma colateral, muitas vezes não articulado sequer sob esta designação, ou submisso a outros assuntos que com ele se relacionam, mas que não são dele sinónimos. Por exemplo, em alguns dos artigos da publicação (Heinrichs 2021; Koch 2021; Tiel 2021), são referidos como possíveis sementes

¹ A página web do projeto, iniciado por investigadores científicos das universidades de Bremen, Hamburgo e Lüneburg, pode ser visitada em <http://reconfiguring-anonymity.net/>.

² Todas as citações são traduzidas da língua original por mim.

para o desenvolvimento de uma teoria do anonimato os trabalhos de Georg Simmel ou de Zygmunt Bauman, nos quais se traçam retratos de uma sociedade moderna em que o quotidiano é cada vez mais impessoal e os indivíduos deixam de se (re)conhecer uns aos outros, quer por uma procura ativa do anonimato (que lhes garante conforto, segurança e a dita liberdade pessoal) quer pela sua inevitabilidade (a remissão à segregação e à exclusão). Não obstante, se Bauman usa apenas esporadicamente o conceito de anonimato de uma forma ainda genérica, Simmel não chega sequer a nomear o termo.

Entretanto, os estudos pós-estruturalistas sobre a autoria aproximam-se, de algum modo, da questão do anonimato ao indagarem, por exemplo, quem tem acesso à autoria, qual a sua posição e autoridade e quem lhas confere, predestinando, inclusive, a morte do autor (Barthes 1984; Foucault 1969). Contudo, como se observa pertinentemente no prefácio de *Book of Anonymity*, a ausência do nome do autor não implica, necessariamente, a omissão de uma autoria do texto (Anon Collective 2021, 7): a autoridade de quem o escreve pode continuar a ser exercida de outras formas ou, por outro lado, mesmo que o autor abdique do seu nome com o intuito de abrir outras possibilidades de leitura, também se pode dizer que a sua não identificação permite antes uma autoria em potência com a capacidade de romper com o habitual posicionamento do autor numa relação de poder. Progredindo numa linha confluyente de pensamento, algumas correntes dos estudos feministas e *queer* (Braidotti 2011; Butler 1990; Haraway 1991, etc.) exploram formas de dissolução das concepções modernas de identidade, nomeadamente através das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias digitais. Essa desconstrução assenta num novo entendimento da identidade enquanto algo híbrido e não estático, o que, neste enquadramento, poderia, por exemplo, ser ensaiado a partir do anonimato. No entanto, nos dias de hoje, o terreno de experimentação prometido pela internet choca com novos constrangimentos provocados quer pelo aproveitamento político e económico da digitalização massiva da informação e da sua circulação em rede, quer pela imposição de novas formas de regulamentação, e quer, ainda, pela expansão de uma cultura e economia do *self-branding*.

Em *Book of Anonymity* são expostos alguns destes paradoxos que, sem dúvida, tornam ainda pertinente a interrogação do papel da autoria (pensemos nas questões relacionadas com os direitos de autor, notícias falsas ou a pirataria) e da privacidade (o tráfico de dados para uso comercial, o controlo e a vigilância, etc.) mas que, aqui, gravitam em torno de uma problematização do anonimato como denominador comum que engloba, mas também supera e expande as questões enunciadas. Tal como já foi referido, o anonimato não só não é equivalente a uma ausência de autoria, como também a sua relação com um sentido de privacidade é muito complexa e dependente do contexto — pode potenciá-la, dificultá-la, ou até impedi-la ativamente, quando é usado como ferramenta de exercício de poder. Por exemplo, numa das investigações apresentadas (Zurawski 2021), fala-se do anonimato da polícia enquanto facilitador do seu papel de autoridade e controlo da população — aqui, o anonimato tanto pode ser produzido através

da utilização do uniforme, que apaga traços individuais dos agentes, como através da introdução de agentes à paisana em determinados ambientes para conseguir vigiá-los de uma forma mais próxima e invisível. Outro exemplo é uma exploração encetada pelo coletivo RYBN.ORG (2021) sobre o obscurantismo e o elitismo da indústria bancária das empresas *offshore*, alimentadas pela impossibilidade de identificar os seus intervenientes ou localizações. No caso de outros ensaios apresentados, a questão é ainda mais primordial e prende-se simplesmente com a viabilidade da existência um verdadeiro estado de anonimato na época atual dos chamados *big data*, ou se este é apenas utilizado como um escape ilusório às constantes violações de privacidade dos dados pessoais (Barocas e Nissenbaum 2021; Bartholl 2021; Baumann 2021b; Curlew 2021; Heinrichs 2021). Já num sentido inverso e mais esperançoso, também podemos pensar, com Copeman e Dwaipayana (2021), Zeeuw (2021) e Anon (2021)³ ou Baumann (2021a), que o anonimato pode, mais do que ocupar-se do que é privado, proporcionar a reativação de dinâmicas públicas de resistência através, por exemplo, da formação de coletivos e experiências de partilha anónimas em lugares físicos e virtuais.

Há, a ligar as distintas perspectivas publicadas, alguns entendimentos comuns sobre a definição de anonimato: primeiro, o de que este não se resume, como indica o seu significado etimológico, à omissão do nome próprio, mas, de uma forma mais lata, a outros possíveis traços que permitam uma identificação. Como é colocado num dos artigos, “o anonimato descreve uma situação de ação intersubjetiva na qual não é possível ou atribuir uma ação ou comunicação particular de forma conclusiva a um indivíduo ou sujeito, ou tornar um indivíduo ou sujeito acessível e, portanto, responsável” (Tiel 2021, 90). Além disso, em *Book of Anonymity* parte-se de uma aceção do anonimato enquanto “modo” de conhecer (ou ser conhecido), ser ou estar. Fala-se de *modo* porque nem sempre o anonimato constitui uma escolha, técnica ou prática, ainda que possa passar por elas: por vezes é algo que acontece sem uma intencionalidade, como um efeito, resultado ou consequência, como uma ausência ou até esquecimento de identificação. Além disso, ser ou estar sob anonimato decorre de uma situação que pode ser temporária e transitória.

Sob estas premissas, a leitura desta publicação é estimulada por uma metodologia de organização que sugere a formação de *visões caleidoscópicas* sobre o tema central. A metáfora do caleidoscópio guia as diferentes possíveis leituras oferecidas pelo livro que são, por um lado, atravessadas pela interdisciplinaridade e a diversidade de questões que a própria ideia de anonimato convoca e, por outro lado, comprometidas com a riqueza e especificidade dos procedimentos das disciplinas intervenientes e da prática artística, permitindo que as várias perspetivas apresentadas não só se intersem, mas também se iluminem, complementem e ampliem umas às outras. É importante

³ O/A único/a autor(a) que manteve o anonimato ao longo de toda a publicação.

salientar o destaque que a investigação artística tem na publicação, notório não só pela seleção dos trabalhos apresentados (Bartholl 2021; Bunting 2021; Bureau d'Études 2021; Farid 2021a; 2021b; Forohuar 2021; Knowbotiq e Bandi 2021; RYBN.ORG 2021; Transformella Malor Ikeae 2021), mas também na organização da parte introdutória do livro, onde, depois de se exporem os critérios temáticos e metodológicos da publicação, se faz uma apresentação e análise do programa de investigação artística integrado no projeto de investigação *Reconfiguring Anonymity*. Compreende-se, assim, que os processos do fazer artístico são, para este projeto, um recurso complementar da própria investigação para a chegada a imagens e relações que o tema do anonimato convoca, muito mais do que uma presença meramente ilustrativa.

São, na enunciada ótica *caleidoscópica*, delineadas pelos editores do livro algumas possíveis relações entre os textos e obras artísticas (Bachmann *et al.* 2021, 31), que podem, ao longo das cinco partes que o constituem, ser compreendidos, por exemplo, “como um catálogo de técnicas de anonimato”, como um “índice dos diferentes estados de anonimato”, como um “arquivo das potencialidades do anonimato”, como uma “coleção de relatos de regimes de anonimato”, como um “compêndio de ausências ativas relativas ao anonimato” ou, ainda, como uma “figura social triádica”, uma figuração que intermedia uma situação relacional.

A publicação é um importante contributo para o desenvolvimento de uma teoria do anonimato e é bem-sucedida na abertura dos vários prismas de leitura propostos, quer por apresentar inúmeras perspetivas únicas e valiosas em si mesmas, provenientes dos mais distintos campos de investigação, quer por conseguir colocá-las sob o mesmo chapéu de uma forma consistente, mas aberta ao contributo da própria experiência da leitura. No entanto, o método de organização do livro e modos de leitura propostos poderiam tornar-se ainda mais efetivos se os autores permanecessem, eles próprios, anónimos ao longo do texto, permitindo que as possíveis associações enumeradas fossem ainda mais permeáveis ao leitor. Há uma intenção simbólica de tornar o anonimato performativo no próprio livro, já que os autores não são identificados no corpo do texto. No entanto, no final, é reservado ao leitor um guia de instruções sobre como citar os diversos artigos e obras que compõem a publicação completa. A opção é justificada no prefácio com uma compreensível necessidade de reconhecimento, referência e responsabilização dos seus autores — um ato importante em tempos de precarização violenta do trabalho, incluindo do trabalho artístico e do trabalho académico. Contudo, não deixa de ser interessante, de tão paradoxal que é, esta tensão que atravessa a decisão de enunciar ou não os nomes dos autores na organização de um livro que é justamente sobre o anonimato: como é dito num cativante artigo também presente na publicação sobre dinâmicas de anonimato coletivo — curiosamente escrito pelo/a único/a autor(a) que permanece anónimo mesmo no guia de citações final — também na escrita académica a identificação da autoria ainda é vista como uma prática essencial, e ela própria adota a “lógica liberal do *marketing* pessoal” mais do que assenta num sistema

“focado nas ideias e no conhecimento” (Anon 2021, 406). Neste sentido, é de constatar que o próprio meio dedicado à investigação destes temas não está preparado para ceder o privilégio da *propriedade* em prol de um sistema de anonimato coletivo unido por uma missão de desenvolvimento e transmissão de conhecimento — o que torna, como consequência, pouco eficaz e sustentável em termos profissionais e financeiros qualquer tentativa pessoal esporádica de anonimato nesta área. Esta será, possivelmente, uma das várias críticas fundamentais deste livro.

Bibliografia

- Collective, Anon. ed. 2021. *Book of Anonymity*. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t>.
- Collective, Anon. ed. 2021. “Longing for a Selfless Self and other Ambivalences of Anonymity”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 401–423. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.28>.
- Collective, Anon. ed. 2021. “Sanitary Policy and the Policy of Anonymity: Notes about a Game on Endocrine Disruptors”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 210–25. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.14>.
- Bachmann, Götz, Julien McHardy, Michi Knet, and Nils Zurawski. 2021. “Toward a Kaleidoscopic Understanding of Anonymity”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 16–34. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.4>.
- Barocas, Solon, and Helen Nissenbaum. 2021. “Big Data’s End Run around Anonymity and Consent”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 116–141. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.9>.
- Barthes, Roland. 1984. “La mort de l’Auteur”. Dans *Le bruissement de la langue*, édité par Roland Barthes, 61–67. Paris: Seuil.
- Bartholl, Aram. 2021. “Anonymity: Obsolescence and Desire”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 275–285. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.17>.
- Baumann, Amelie. 2021a. “Authenticity”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 394–400. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.27>.
- . 2021b. “DNA Works! Merging Genetics and the Digital Realm”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 188–209. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.13>.
- Braidotti, Rosi. 2011. *Nomadic subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. 2nd ed. Gender and culture. New York: Columbia University Press.
- Bunting, Heath. 2021. “USAE”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 110–115. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.8>.
- Butler, Judith. 1990. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Thinking gender. New York: Routledge.
- Copeman, Jacob, e Barnerjee Dwaipayan. 2021. “Anonymity and Transgression”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 70–87. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.6>.
- Curlew, Abigail. 2021. “Fraught Platform Governmentality: Anonymity, Content Moderation and Regulatory Strategies over Yik Yak”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 255–274. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.16>.
- Farid, Simon. 2021a. “A List of Famous Artists Who Used to Be Invigilators”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 142–150. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.10>.
- . 2021b. “A Provisional Manifesto for Invigilator-Friendly Artworks, or Your Artwork Is an Invigilator’s Labor Conditions”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 336–339. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.22>.
- Forohuar, Parastou. 2021. “She Remembers”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 346–354. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.24>.
- Foucault, Michel. 1969. “O que é um autor?” *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, (3): 73–104.
- Haraway, Donna. 1991. “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist Feminism in the Late Twentieth Century”. In *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, edited by Donna Haraway, 149–181. New York: Routledge.
- Heinrichs, Randi. 2021. “Where Do the Data Live? Anonymity and Neighborhood Networks” In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 226–254. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.15>.

- Knowbotiq, and Nina Bandi. 2021. “Amazonian Flesh: How to Hang in Trees during Strike?” In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 294–305. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.19>.
- Koch, Gertraud. 2021. “Anonymity as an Everyday Phenomenon and as a Topic of Research”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 151–166. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.11>.
- RYBN.ORG. 2021. “Anonymity on Demand: The Great Offshore”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 167–185. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.12>.
- Tiel, Thorsten. 2021. “Anonymity: The Politicisation of a Concept”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 88–109. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.7>.
- Transformella Malor Ikeae. 2021. “Transformella Malor Ikeae: InnerCity Ikeality [4.4.6.11]”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 379–393. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.26>.
- Zeeuw, Daniël. 2021. “Collective Pleasures of Anonymity: From Public Restrooms to 4chan and Chatroulette”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 356–378. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.25>.
- Zurawski, Nils. 2021. “Policing Normality: Police Work, Anonymity and a Sociology of the Mundane”. In *Book of Anonymity*, edited by Anon Collective, 286–292. Milky Way, Earth: punctum books. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1jf2c5t.18>.

Nota biográfica

Ana Luísa Azevedo é bolsreira de doutoramento do ICNOVA na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - FCSH/UNL (Portugal), com uma investigação sobre diários em vídeo. Participou e co-organizou diversos encontros científicos internacionais, nomeadamente com o Observatório em Estudos Visuais e Arqueologia dos Media (ICNOVA/EVAM), do qual é membro.

ORCID iD

[0000-0003-4026-8418](https://orcid.org/0000-0003-4026-8418)

CV

[9817-AB88-3611](https://www.ana-luisa-azevedo.com/cv)

Morada institucional

Campus de Campolide — Colégio Almada Negreiros. Gabinete: 348, 1099-032 — Lisboa. Morada postal: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 — Lisboa, Portugal.

Investigação apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da bolsa individual de doutoramento SFRH/BD/130148/2017.

Recebido Received: 2021-05-11

Aceite Accepted: 2021- 11-09

DOI <https://doi.org/10.34619/epvd-wkt7>